Desenvolvimento Comunitário: das Teorias às Práticas

**Turismo, Ambiente e Práticas Educativas
em São Tomé e Príncipe**

ORGANIZADORES

Brígida Rocha Brito (Coord.)

Nuno Alarcão

Joana Marques

Ficha Técnica

Título: Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas
Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe

Organizadores: Brígida Rocha Brito (Coord.); Nuno Alarcão; Joana Marques

Colaboração: Joaquim Pinto; Bastien Loloum; Ana Sofia Alarcão; Fernanda Alvim

Autores: Adelina Pinto, Ana Cristina Palos, Ana Cristina Silva, Antónia Barreto, António Guedes, António Martelo, António Rodrigues, Araceli Serantes Pazos, Arlindo de Carvalho, Bastien Loloum, Brígida Rocha Brito, Bruno Silva, Carlos Vales, Céu Teiga, Cláudia Silva, Conceição Afonso, Danilo Barbero, Drausio Annunciato, Eleutério da Assunção, Eugénia Gonçalo, Eva Vidal, F. Veloso-Gomes, Germán Vargas, Irene Nunes, Isabel Rodrigues, Isaura Carvalho, Ivanete Nardi, Joana Marques, João Martins, Joaquim Ramos Pinto, Jorge de Carvalho, Jorge Bom Jesus, Luís Mário Almeida, Luís Moita, Manuela Cardoso, Márcia Moreno, Marcela Sobral, Mariana Roldão Cruz, Maria Teresa Andresen, Mariana Carvalho, Mário Freitas, Miguel Silveira, Nora Rizzo, Nuno Alarcão, Pablo Meira, Pedro Morais, Pedro Teiga, Rafael Branco, Raquel Lopes, Rogério Roque Amaro, Rosa Madeira, Vítor Reis, Xavier Muñoz y Torrent, Yossene Santiago

Revisão: Equipa do Projecto PTDC/AFR/69094/2006, Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE)

Financiamento e Apoios: FCT, CPLP, Delta

Organização do Seminário: Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE); Direcção-Geral do Ambiente e Direcção de Turismo da República Democrática de São Tomé e Príncipe; Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental (NEREA-Investiga)

Outros Apoios no âmbito do Seminário: FCT, Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, CEIDA, TAP Portugal, BANIF, Câmara Municipal de Lisboa, Culturália

Local: Lisboa

Ano: 2009

1-ª Edição (Janeiro 2009)

Tiragem: 400 exemplares

Capa e Maquetização: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.

Edição: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.
Rua Joaquim Casimiro 6, 4.º Dt.º, 1200-696 Lisboa
e-mail: gerpress@sapo.pt

Depósito Legal: 287.969/09

ISBN: 978-989-96094-0-2

Educação Ambiental e Resíduos – um recurso para (Re) utilizar com criatividade

Adelina Pinto (ASPEA, Delegação Regional de Aveiro), Conceição Afonso (ASPEA, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, Aveiro)¹, Raquel Lopes (Professora de Biologia e Geologia do 3º Ciclo e Secundário)²

1. Apresentação

O trabalho desenvolvido, inserido no Seminário Internacional “Educação, Ambiente, Turismo e Desenvolvimento Comunitário em São Tomé e Príncipe” no âmbito das “Oficinas de Reciclagem e Reutilização Criativa e Desenvolvimento Comunitário” e “Resíduos: um recurso para (Re)utilizar com criatividade”, realizadas nas Roças de S. João e Diogo Vaz, respectivamente, apresenta um contributo de uma experiência que teve como orientação o Estar com... e Trabalhar com... privilegiando as experiências pessoais, a troca e o saber fazer.

As oficinas dinamizadas proporcionaram espaços de convivência e partilha de experiências, a partir da aplicação de diferentes técnicas manuais com recurso a diferentes materiais. A proposta foi elaborada atendendo a que o público-alvo, não sendo artista, desenvolvesse o gosto pela cor, forma e textura, utilizando, criativamente, os vários recursos disponíveis. E, nesta sensibilização sobre a problemática ambiental, centrou-se a acção no sentido da exploração dos sentidos e sentimentos de cada um em relação ao ambiente e aos lugares, onde o afecto à natureza constitui uma condição para o desenvolvimento de uma cidadania ambiental.

Atendendo a que a Educação Ambiental (EA) se apresenta como um importante instrumento de mudança de comportamentos e atitudes, sendo fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao ambiente, em geral, e na resolução de problemas relativos aos resíduos em particular, enfatiza-se a importância da reciclagem, da redução e da reutilização dos mesmos em comunidades rurais socioeconomicamente desfavorecidas.

2. Introdução

No decorrer da história assistimos a várias mudanças na forma como o Homem tem transformado matérias-primas em produtos úteis à sua sobrevivência, levando a mudan-

1 *Membro dos Órgãos Sociais da ASPEA. Professora em Lar Especializado de Infância e Juventude – Instituição da Segurança Social.*

2 *Mestre em Ecologia da Paisagem e Conservação da Natureza pelo Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.*

ças significativas a partir dos finais do séc. XVIII, onde se assiste ao desenvolvimento da economia capitalista. É a partir do séc. XIX que o processo de industrialização se verifica pelo mundo de uma forma mais acentuada, marcando transformações significativas para o homem contemporâneo, quer ao nível da cultura, como na organização social e um novo padrão de vida que se difundiu a quase todos os segmentos sociais e cujos efeitos se repercutem como paradigma até aos dias de hoje.

É nessa máxima, na sociedade industrial, que o crescimento económico passa a ser o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos: sociais, psíquicos e morais (Morin e Kern, 1993) e a crença absoluta na dominação do progresso e do poder económico, político e tecnológico, sobre a natureza. Esta é uma visão de abundância ilimitada e infinita dos recursos e a capacidade humana de gestão e domínio da natureza que levou ao pensamento até ao séc. XX (Caride e Meira 2004, p.109).

A evolução científica e tecnológica neste século provocou profundas mudanças histórico-sociais e foi na economia capitalista, de manter as taxas de crescimento contínuas, que foi necessário incentivar o consumo, para aumentar a reprodução do capital, uma vez que o mercado tem potencialidades para produzir cada vez mais para a satisfação das necessidades mais básicas (e.g., saúde, educação, alimentação, habitação), levando às chamadas sociedades de bem-estar da cultura ocidental e que são também denominadas de sociedades de consumo. Criaram-se novos espaços, houve o desenvolvimento da publicidade e com ela o crescimento do *marketing* na procura constante de novas oportunidades de negócio e o consumismo tornou-se uma grande armadilha para o ser humano e para o planeta. Consequentemente, esta atitude conduziu à cultura do desperdício e à degradação crescente do nosso planeta com origem no processo de industrialização (ou industrialismo), provocando alterações no conjunto ecológico chamando-lhe Giddens (1992) “devorador de naturezas”, subordinando a natureza ao controlo humano o que levou a uma crise ecológica. Desta forma, o século XX testemunhou, por um lado, o maior e mais rápido avanço tecnológico da história da humanidade, como também as maiores agressões ao ambiente, decorrentes de um desenvolvimento que não considerou os impactos relevantes da revolução industrial e de que os recursos naturais são finitos.

Contudo, se nos países desenvolvidos se verificou este progresso, nos países subdesenvolvidos assistiu-se à sua maior dependência do apoio internacional, sendo as iniciativas de desenvolvimento económico pontuais, não atingindo a totalidade da população, cada vez mais empobrecida e dependente de apoio. Todos somos dependentes uns dos outros e do equilíbrio com a natureza, e em momentos de crise e de grande degradação social e ambiental, é importante pensar-se em práticas que estimulem a capacidade de (re)criar alternativas. Estas, devem ter como base princípios que valorizem a integridade humana

e ambiental numa interacção mais saudável entre homem e natureza. A Organização das Nações Unidas (ONU) já alertou para a necessidade de se alterarem os padrões de consumo, uma vez que se tal não se verificar deixaremos uma pesada herança para as próximas gerações. Devemos então, caminhar para uma solução que vise uma melhoria da qualidade de vida e para que haja condições ambientais favoráveis, no futuro.

No relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI (1996: 15) considera-se a educação como o centro “(...) do desenvolvimento, tanto da pessoa humana como das comunidades”, de forma a dar nova importância à dimensão ética e cultural da educação e assim dotar cada um com os meios de compreender o outro na sua especificidade e de compreender este mundo desordenado para um certo equilíbrio. Somos, por isso, levados a reflectir, criticamente, sobre a crescente desigualdade resultante da emergente transformação da sociedade. Esta reflexão, passa pela educação, pela compreensão do mundo e pela mudança em cada um de nós, em tornarmos-nos cidadãos num mundo em mudança (Delors, 1996), e para que se efective uma especial responsabilidade na construção de um mundo mais solidário, pela (in)formação, cooperação, participação e (re)construção. Neste contexto, a sensibilização para os problemas do ambiente constitui um primeiro passo no processo de EA e, para a consecução deste objectivo, muito pode contribuir a educação, nas suas múltiplas dimensões.

Tendo consciência que São Tomé e Príncipe é um país com carências notórias a vários níveis, entre eles a Educação, base de todo o desenvolvimento dum povo, apostou-se numa pequena contribuição para dar início à criação de uma rede de cooperação para futuros projectos dado o sucesso da experiência. As Oficinas desenvolvidas na Roça de S. João, em Angolares, e na Escola de Campo de Diogo Vaz³, no âmbito do Seminário Internacional “Educação, Ambiente, Turismo e Desenvolvimento Comunitário”, potenciaram a troca de ideias e experiências, a divulgação de conhecimentos e a dinamização de acções interculturais que valorizam a cooperação internacional na defesa do ambiente e apoio comunitário. Estes momentos de construção de espaços partilhados, pelo aprender a fazer e aprender a viver juntos são, sem dúvida e segundo Delors (1996), os pilares do conhecimento que nos levam a aprender a ser.

As escolas onde foram dinamizadas as acções apresentam um papel preponderante na formação dos jovens que nelas participam, uma vez que, mesmo a níveis mais ou menos informais, a escola é um espaço de comunicação, na construção de valores sociais, atitudes e na responsabilização e construção de um mundo mais solidário, abrindo espaço ao conhecimento e ao respeito das outras culturas e civilizações.

3 <http://seminariointernacionalstp2008.blogspot.com/2008/10/escola-de-campo-de-diogo-vaz-turismo.html>

Reconhecendo-se que, além das escolas, outros meios facilitam a mudança de comportamentos e a sensibilização da temática ambiental, nomeadamente associações das quais destacamos a Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA), que tem como principal objecto fomentar a EA para o desenvolvimento e para a sustentabilidade, nos sistemas de educação formal, não formal e informal. Para levar a cabo este objectivo, várias estratégias e acções são desenvolvidas pelos membros da sua direcção e pelos seus sócios, tendo sido enquadradas nestas acções, as Oficinas dinamizadas nas duas Roças.

3. Objectivos

De acordo com o objectivo do Seminário, em que se pretendia uma reflexão partilhada entre investigadores com interesse em fortalecer uma comunidade académica e científica que promova e impulse a investigação, a formação e a realização de eventos no âmbito da EA, assim como reforçar o papel da cooperação para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis estratégias, práticas e procedimentos a adoptar junto das comunidades, pretendeu-se, com a realização das Oficinas, atingir os seguintes objectivos:

- Promover a cooperação entre actores educativos da comunidade lusófona capacitando-os para actuar activamente na construção de sociedades sustentáveis;
- Disponibilizar instrumentos e materiais pedagógicos que facilitem aos participantes a sua tarefa de educação com relevância para o desenvolvimento da cidadania num contexto multicultural;
- Promover a responsabilidade social tendo como referência os problemas ambientais globais e as suas interligações nos níveis regional e local;
- Contribuir para a formação teórico-prática e em metodologias participativas promotoras da Educação Ambiental;
- Divulgar projectos através da troca de experiências pedagógicas nas áreas da Educação Ambiental, Cooperação e Desenvolvimento e Participação Social;
- Consolidar e ampliar a Rede de Educadores Ambientais;
- Valorizar o enriquecimento pessoal a partir das discussões acerca das potencialidades do campo do conhecimento da EA, na construção da sustentabilidade planetária;
- Divulgar as acções e projectos da ASPEA entre os participantes;
- Reflectir sobre a pertinência da participação das Artes e Ofícios na implementação de projectos de EA e Desenvolvimento Comunitário;
- Reforçar a importância do trabalho de parceria a nível nacional e internacional;
- Sensibilizar para a preservação do ambiente, recorrendo aos elementos da natureza e resíduos para produzir objectos pela criatividade, sendo um momento privilegiado de aprendizagens que integre a EA pela vertente artística;

4. Metodologia

Dadas as características específicas de São Tomé e Príncipe pretendeu-se integrar os fundamentos da EA, no contexto socioeconómico, ambiental e cultural. Para tal foi realizada a Oficina de Reciclagem e Reutilização Criativa e Desenvolvimento Comunitário na Roça de S. João de Angolares e a Oficina Resíduos: um recurso para Reutilizar com criatividade, na Escola de Campo de Diogo Vaz.

A Roça de S. João, situada em plena região de Angolares, no Distrito mais a Sul de São Tomé, encontra-se integrada numa comunidade desfavorecida, cuja população apostou, no turismo, na agricultura, na criação de gado e na preservação da identidade cultural. O público a que se destinou este atelier contemplou jovens de idades compreendidas entre os 12 e 17 anos de idade e os respectivos monitores. A metodologia adoptada foi a seguinte:

- Disposição dos formandos em círculo sentados no chão da sala e apresentação das actividades;
- Colocação do material em diferentes espaços para que, rotativamente, os grupos de trabalho constituídos, vivenciassem as diferentes propostas de trabalho;
- Construção criativa de objectos úteis, funcionais e decorativos a partir da reutilização ou reaproveitamento de outros objectos ou materiais;
- Exposição final das obras resultantes;
- Registo fotográfico das obras;
- Reflexão conjunta acerca do destino dos resíduos antes de serem trabalhados e o resultado obtido através da sua reutilização.

Foram desenvolvidas as seguintes actividades: reciclagem de papel; reutilização de embalagens tetrapack com a criação de carteiras; reutilização de jornais e revistas utilizando a técnica do rolinho-base; reutilização de latas para a confecção de porta-lápis; criação de peças de adorno artesanal, como colares e anéis, utilizando arame, contas e diversas sementes da flora local e ainda a partir de peças metálicas, como as cápsulas das latas.

Na Escola de Campo de Diogo Vaz, Turismo Solidário, localizada no Distrito de Lembá, o público-alvo foi constituído por cerca de vinte jovens residentes na Escola e oriundos de vários locais da Ilha, de idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Dado tratar-se de uma Escola de Formação cujas áreas desenvolvidas são alvenaria, carpintaria, artesanato, canalização, agricultura, criação de animais, informática, costura, desporto e padaria, foram seleccionadas actividades que abrangessem áreas alternativas. Assim, estas centraram-se na execução de peças decorativas, como anéis, colares, pulseiras, brincos, e outros, em arame, com recurso a materiais locais como contas e sementes.

Foi ainda realizada uma abordagem sobre a importância da reciclagem e reutilização de materiais locais, pondo em prática algumas ideias, como folhas de papel e carteiras em tetrapack. A Oficina realizada proporcionou momentos de grande envolvimento, motivação e criatividade.

5. Reflexões

A participação no Seminário Internacional “Educação, Ambiente, Turismo e Desenvolvimento Comunitário” e o desenvolvimento das Oficinas nas Roças de S. João dos Angolares e Diogo Vaz, constituiu, sem dúvida, uma oportunidade de aprendizagem e partilha de vivências, atendendo à riqueza cultural do povo de São Tomé. Esta aprendizagem representa a ponte para um trabalho conjunto sobre projectos motivadores de cooperação, troca de informações, partilha de experiências e projectos no âmbito da EA, para além do contributo no apoio o desenvolvimento de actividades que possibilitam a reutilização de materiais disponíveis, e passíveis de possibilitarem o desenvolvimento comunitário. As actividades desenvolvidas nas duas Roças, foram desenvolvidas com motivação e entusiasmo e com a participação e envolvimento de todos, quer por parte dos jovens, alunos, monitores e promotores locais, quer pelos participantes do Seminário, e ainda pela Organização do Encontro. É de louvar todo o empenho e dedicação construídos no saber-fazer de cada um e demonstrado pela criatividade e qualidade nos trabalhos produzidos.

A reutilização de alguns materiais e as práticas de reciclagem minimizam recursos à utilização de fontes naturais, muitas vezes não renováveis e a quantidade de resíduos que necessita de tratamento final. Pode ser também fonte de rendimento através de trabalhos artesanais construídos com a reutilização de materiais de desperdício e da natureza, gerando empregos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida. Este último, assume grande importância no desenvolvimento comunitário e como actividade fomentadora do empreendedorismo. Numa análise comparativa das actividades realizadas em duas Roças pertencentes a uma mesma ilha, a de São Tomé, salienta-se o interesse comum demonstrado pelos participantes, ávidos de novos saberes, cuja postura de humildade e motivação foi, por si só, motivo de orgulho e satisfação das formadoras, que consideraram atingidos os objectivos a que se propuseram.

6. Conclusões

A comunicação é das maiores riquezas de que é dotado o ser humano, tendo a capacidade e potencialidades de o fazer por diversas formas. Implícito no conceito de comunicar, é estabelecê-lo em duas direcções, receber e dar, trocando experiências, partilhando projectos. Neste contexto, a realização das Oficinas concentrou os seus propósitos na di-

vulgação e partilha de experiências educativas, no âmbito da promoção de valores sociais e ambientais, valorizando as características da população envolvida, o meio e os materiais disponíveis, de preferência da natureza.

A dinamização de ateliers no âmbito da reutilização de materiais, de reciclagem de papel, com criatividade, além de estimular para práticas ambientais, tendendo a minimizar os impactes ambientais da acção humana, fomenta a actividade económica em zonas desfavorecidas e/ou carenciadas. As expectativas residem, numa primeira análise, na Escola e nas Associações de Educação, como a ASPEA, cujos papéis se revestem de grande importância na transmissão de valores, atitudes e comportamentos e dinamização de movimentos em defesa de interesses comuns.

Actualmente, assiste-se à necessidade de reduzir o impacto humano na modificação do equilíbrio natural, promovendo-se a sustentabilidade, a partir da sensibilização e da educação, de cada gesto, de cada comportamento de cada cidadão. Também se verifica a necessidade de participarmos na construção de sociedades sustentáveis, coordenando a qualidade de vida com a protecção dos recursos naturais, num momento em que se assiste à sua delapidação. Foi neste contexto que a possibilidade de explorar competências e também de reflectir sobre a aquisição e desenvolvimento de práticas com populações desfavorecidas, a nível escolar, se colocou como um desafio às dinamizadoras.

Sem dúvida, a aprendizagem desenvolvida entre formandos e formadores, representa a ponte para um trabalho conjunto sobre projectos motivadores de cooperação, troca de informações, para além do contributo no apoio com materiais.

A questão ambiental impõe às sociedades a procura de novas formas de pensar e agir, individual e colectivamente que, por um lado, não aumentem a exclusão social, mas que, por outro, garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores, uma nova postura social e uma educação voltada para uma formação de cidadãos conscientes destes problemas. Escusado será dizer que a mudança significativa ocorreria se as grandes potências políticas e económicas mundiais se dispusessem a adoptar e a cumprir políticas ambientais; como isso não se verifica, assim tão linearmente, aposta-se no envolvimento de cada cidadão, na dinamização de projectos, na organização de Seminários, de Congressos, que são sempre um estímulo para pesquisas científicas e momentos de debate e de formulação de directrizes para a construção de políticas públicas em EA. Apesar dos poucos progressos visíveis no ambiente, é notório o aumento de projectos apresentados nestes eventos, salientando-se os que envolvem crianças e jovens em situação de aprendizagem escolar.

É de relevar a importância que se dá à educação, à consciência e responsabilidade sociais e aos valores, ao associativismo e voluntariado em defesa de causas ambientais,

salientando o papel fundamental de professor. É do conhecimento geral que as Nações Unidas pretendem fazer uma grande revolução nesta área e manifestam a preocupação de promover o desenvolvimento sustentável.

Agradecimentos

As autoras expressam um sincero agradecimento aos elementos da organização, pelo apoio e colaboração prestados no desenvolvimento logístico dos ateliers, assim como aos participantes e/ou oradores que foram acompanhando as visitas. Não se limitando a meros espectadores envolveram-se na experimentação das actividades propostas e executaram, a par com a população alvo, alguns objectos decorativos. Reconheceram terem feito aprendizagens significativas no âmbito da construção de materiais a partir da reutilização e reciclagem, tornando uma dinâmica partilhada e agradável. Também se destaca a disponibilidade das autoridades locais, em geral, e do Director-Geral do Ambiente, Arlindo de Carvalho, em particular, pela simplicidade com que acompanhou e colaborou no desenrolar dos trabalhos. Os agradecimentos alargam-se aos responsáveis das Roças que promoveram a possibilidade da realização dos ateliers disponibilizando o espaço, o material e todas as condições necessárias e depositando confiança nas dinamizadoras dos mesmos. Por último, e tão importante a prestação dos monitores e dos jovens que foram os actores com o principal papel em todo este processo – um obrigada pela criatividade, pela hospitalidade e pelo sucesso que permitiram que a acção se revestisse. Também se enaltece o papel da instituição bancária BANIF, na pessoa do Director Paulo Cerca, pelo material logístico recolhido a nível nacional, para fazer face às necessidades administrativas da Organização do Seminário, e ainda na distribuição pelas comunidades visitadas.

Bibliografia

CARIDE, J.A.; MEIRA P.A. (2004). Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano. Lisboa, Instituto Piaget.
DELORS, D. (Coord.) (1996). Educação, um tesouro a descobrir. Porto, Edições ASA

GIDDENS A. (1992). As Consequências da Modernidade. Oeiras, Celta.
MORIN, E. e Kern, A.B. (1993). Terra-Pátria. Lisboa, Instituto Piaget